

AS “GUERRAS” QUE ENFRENTAMOS...

THE “WARS” WE FACE...

Walbert Monteiro¹**Resumo**

Este ensaio discute o drama que vivemos em meio à nova guerra instalada e seus possíveis efeitos e ameaças do uso de armas nucleares, ainda imersos em uma pandemia e ao “bombardeio” que recebemos de informações desencontradas, contraditórias, falsas, colocando-nos na dúvida cruel sobre os atores envolvidos nessa tragédia. No contexto de todos os acontecimentos históricos, o homem conseguiu provar que a paz é uma utopia. Sua natureza egoísta e concupiscente, a sede de poder e de conquistas materiais, prepondera sobre os sentimentos mais nobres como o amor, o perdão, a misericórdia. E assim caminhamos para uma interminável sucessão de guerras, armadas ou não.

Palavras-Chave: Guerras; Informação; Análise; Interesses; Isenção.

Abstract

This essay discusses the drama we live during the new war installed and its possible effects and threats of the use of nuclear weapons, still immersed in a pandemic and the “bombing” we receive from mismatched, contradictory, false information, putting us in the cruel doubt about the actors involved in this tragedy. In the context of all historical events, man has managed to prove that peace is a utopia. His selfish and lustful nature, the thirst for power and material conquests, prevails over the noblest feelings such as love, forgiveness, and mercy. And so we are heading towards an endless succession of wars, armed or not.

Keywords: Wars; Information; Analysis; Interests; Exemption.

¹ Membro da Academia Paraense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do Pará e da Academia Paraense de Jornalismo. E-mail: walbert-monteiro@hotmail.com

Desde que o homem começou a povoar este minúsculo planeta, perdido na imensidão do universo, uma natureza bélica revelou-se como parte integrante do seu ser e desenvolveu-se com as múltiplas ambições por conquistas de toda ordem. Começando por defender seu espaço territorial, logo alimentou o desejo de ampliá-lo, quer pelas necessidades dos grupos sociais a que pertencia, quer pela vontade de impor sua superioridade perante os demais.

Nos primórdios da civilização, como nos tempos atuais, estabeleceram-se contendas por alimentos, pela segurança, pela expansão dos domínios geográficos e, até mesmo, em nome de Deus.... Desde sempre a Humanidade vive em escaramuças de diferentes dimensões e, só no século XX, experimentou as tragédias de duas guerras mundiais.

Não é nosso escopo, na visão que nos propomos apresentar sobre a realidade contemporânea dos conflitos entre os povos, traçar qualquer estudo antropológico ou histórico das guerras enfrentadas pela humanidade, até porque nos falta embasamento científico para uma empreitada desse porte. Focaremos nossa análise, mesmo que superficial, buscando enquadrar o drama que vivemos em meio à nova guerra instalada e seus possíveis efeitos e ameaças do uso de armas nucleares, ainda imersos em uma pandemia e ao “*bombardeio*” que recebemos de informações desencontradas, contraditórias, falsas, colocando-nos na dúvida cruel sobre os atores envolvidos nessa tragédia.

Parto do princípio, sem conotações religiosas ou ideológicas, que qualquer guerra é inaceitável, independentemente de quais sejam as suas motivações.

O mundo, logo após a grande conflagração em 1945, passou a viver sob as influências das duas grandes superpotências vitoriosas no conflito: os Estados Unidos e a União Soviética que simbolizavam dois sistemas econômicos e políticos plenamente antagônicos: o capitalismo e o socialismo. O esforço empreendido para reerguer a economia europeia que sofrera as drásticas consequências da guerra partiu simultaneamente de russos e americanos, cada qual buscando atrair para si as nações do Velho Continente, que acabou dividido entre Europa Ocidental, de viés capitalista e Europa Oriental plenamente alinhada com o pensamento socialista, no que se convencionou denominar Guerra Fria.

Em 1949 é criada a OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte, um acordo militar liderado pelos Estados Unidos com o objetivo de garantir a segurança mútua dos países signatários em caso de ataque ou ameaça aos seus territórios. Seus fundadores foram Estados Unidos, Reino Unido, Bélgica, Canadá, Dinamarca, França, Islândia, Itália, Luxemburgo,

Holanda, Noruega e Portugal, valendo recordar que, desde 1947, Reino Unido e França firmaram o Tratado de Dunquerque, preventivo de novos ataques alemães.

Está expressa no artigo 5º do Tratado, a cláusula de defesa coletiva:

"As partes concordam que um ataque armado contra uma ou mais delas na Europa ou na América do Norte será considerado um ataque contra todas elas e, conseqüentemente, concordam que, se ocorrer tal ataque armado, cada uma delas, no exercício do direito de legítima defesa individual ou coletiva reconhecida pelo Artigo 51 da Carta das Nações Unidas, ajudará a parte ou as partes atacadas, tomando imediatamente, individualmente e em conjunto com as outras partes, as medidas que julgar necessárias, inclusive o uso de força armada, para restaurar e manter a segurança da região do Atlântico Norte."...

Em resposta, seis anos depois, em 14 de maio de 1955, na Polônia, a União Soviética e seus países aliados, estabeleceram um Tratado de Amizade, Cooperação e Assistência Mútua que ficou conhecido como Pacto de Varsóvia. Diferentemente da OTAN, que permanece ativa e em expansão, o acordo russo acabou em 1991 com o desmoronamento da União Soviética que se transformou apenas em Rússia.

Ocorre que vários países que pertenciam ao Pacto de Varsóvia (Polônia, Hungria e República Checa, no ano de 1999; Bulgária, Eslováquia, Romênia, Eslovênia, Estônia, Letônia e Lituânia, em 2004; Croácia, em 2009; Montenegro, em 2017 e Macedônia do Norte, em 2020) passaram a integrar a OTAN.

Alguns registros históricos lembram que o Pacto de Varsóvia e a unificação das duas Alemanhas, com a queda do muro de Berlim, ocorreram como fruto de negociações promovidas por George Bush (o pai) e as principais lideranças europeias que garantiram ao então presidente russo Mikhail Gorbachev, no ano de 1990, a não expansão da OTAN no leste europeu, atendendo à reivindicação russa em relação à segurança de suas fronteiras.

No caso da presente invasão ao território ucraniano as leituras possíveis de serem feitas, em análises que busquem a isenção, deverão considerar que, além de outros interesses, declarados ou obscuros, que envolvam estratégias econômicas ou meras exibições de força e poder, o líder russo Vladimir Putin há muito vem advertindo o ocidente sobre a expansão da OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte, em áreas perto de suas fronteiras e que, nos últimos anos, tem intensificado ações que podem ser identificadas como não cumprimento daquelas antigas promessas.

É perceptível que nenhum país – e os Estados Unidos sempre foram muito claros nesse sentido – ficará silente em face de manobras que representem ameaças à sua integridade territorial ou segurança nacional. Vide o exemplo de Cuba, que, no século passado, transformou-se em um barril de pólvora na América Latina, quando os soviéticos tentaram instalar na ilha de Fidel Castro, suas bases militares

O ensaiado desejo da Ucrânia, manifestado pelo seu presidente Volodymyr Zelensky em integrar o conjunto da OTAN pareceu ser o estopim para o início da nova conflagração no Mar Negro. O ator e comediante (não me entendam diferente, por favor! Charles Chaplin era um gênio na sua arte! Nada contra artistas chegarem à chefia de qualquer Nação) guindado democraticamente ao comando do povo ucraniano, enquadrado como um cidadão progressista, de índole desarmamentista, parece haver conceituado Putin no mesmo patamar de outras lideranças, fracas e covardes e agora, vendo a realidade de seu território invadido, busca comover o mundo, passando a imagem de vítima.

No momento em que escrevo minhas reflexões sobre mais esse triste episódio e contemplo as terríveis imagens de cidades devastadas, de populações inteiras buscando refúgio em outros países, ouvindo as mútuas acusações de violações aos direitos humanos e quebra de acordos sobre corredores humanitários, embora existam sinalizações para um cessar-fogo, ainda vislumbro como distantes as possibilidades de uma pacificação efetiva.

As afirmações de ucranianos e as bombásticas revelações dos invasores sobre descobertas de laboratórios e arsenais (com participação americana) não deixam de ser estarrecedoras.

Mas, ao final, a quem dar o merecido crédito de informação verdadeira?

Em paralelo ao farto noticiário que tomou conta das redes sociais e da mídia tradicional, substituindo o trágico desfile de informações desencontradas e trágicas sobre a pandemia do COVID-19, somos expectadores aflitos de um outro tipo de “guerra”: matérias, reportagens, vídeos, entrevistas, depoimentos cada qual analisando a questão sob a ótica de suas ideologias ou preferências políticas, sem o propósito de isenção. Os embates jornalísticos e as postagens nas redes sociais despem-se das mínimas noções de ética, com total desprezo ao respeitável público. Assim se processou quando a epidemia do SARS era a pauta central da imprensa e dos assim chamados “formadores de opinião”: todos ficamos desorientados e perplexos com o direcionamento do noticiário, ora negacionistas, ora alarmistas, mas todos com franca digital

ideológica, em detrimento das reais precauções que deveríamos tomar em defesa da não contaminação.

Por conta da parafernália de opiniões, comentários, discursos, narrações e profecias, nos damos conta de que, se existe uma “governança global”, formada sabe-se lá por quais títeres, há um diabólico plano de extermínio de boa parte da população deste planeta, do qual fazem parte a deliberada inoculação de um vírus capaz de dizimar milhões de vidas e as guerras que ceifam milhares de inocentes.

Em paralelo às questões de “segurança nacional”, as motivações para decisões tão cruéis são as de sempre: escassez de alimentos e de territórios para superpopulações. Nós mesmos, na Amazônia, vivemos sob a cobiça internacional que, sob o disfarce de “preservação ambiental” ou garantia contra as mudanças climáticas, vez em quando reverberam teses de sua “internacionalização” que, recentemente, recebeu forte oposição do líder russo contra as insinuações do presidente francês. Teoria da conspiração? Muitos já escreveram a respeito em obras consagradas ou teses acadêmicas. A realidade dos fatos, não obstante, conduz o analista dos fatos à conclusão de que não são totalmente despidas de verdade as teorias das catástrofes anunciadas.

No contexto de todos os acontecimentos históricos, o homem conseguiu provar que a paz é uma utopia. Sua natureza egoísta e concupiscente, a sede de poder e de conquistas materiais, prepondera sobre os sentimentos mais nobres como o amor, o perdão, a misericórdia. E assim caminhamos para uma interminável sucessão de guerras, armadas ou não.

Referências

Nota do Editor: Por se tratar de um Número Especial onde algumas contribuições são opiniões ou ensaios, alguns textos não apresentam Referências como usualmente ocorre nos artigos que são regularmente publicados na nossa Revista.